

## Bibliographia

INSCRIPÇÕES ROMANAS DE BRAGA (INEDITAS), por Albano Bellino, Braga, 1895; xv-cxxxiii pag., in-8.º, edição de 150 exemplares.

É este o segundo trabalho archeologico que o Sr. Albano Bellino publica em volume. O sub-titulo não convém, porque as inscripções que aqui dá como ineditas já haviam sido por elle publicadas na *Revista de Guimarães*, XII, 97 sqq.

Discipulo fervoroso do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense, tem-lhe estudado com tal affinco os folhetos, que chegou a adoptar a orthographia e a adquirir o estylo do mestre por maneira que, quando se lê um, parece estar a ler-se o outro. Já no livro das *Inscripções e lettreiros*<sup>1</sup> se nota em parte este facto; no presente livro, porém, nota-se constantemente.

A proposito das inscripções que o Sr. Bellino toma para thema do seu livro, entra em muitas considerações e explanações que revelam alguma leitura, mas que deviam ser apresentadas com mais methodo critico.

A cada auctor é licito escrever o que quizer; todavia eu achava mais conforme com os intuitos do Sr. Bellino que este tivesse preferido reunir em volume cópias de todas as inscripções bracarenses, e do estudo do conjuncto d'ellas, apoiado no dos textos litterarios greco-romanos que se referem a Braga, e no de outros ramos da archeologia, tirado a luz possivel para o conhecimento da antiga BRACARA. Teriamos assim uma obra de significação mais lata e harmonica do que esta.

As explanações em que o auctor entra podiam em certos casos fazer-se de modo mais simples e claro. Para que estar a citar, através das obras de varios AA., as inscripções romanas já colligidas no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II e *Suppl.*, onde se acham ao mesmo tempo mencionadas todas as noticias concernentes a ellas, e onde é muito mais facil a consulta? Quando muito, indicasse-se em breves notas que tal e tal inscripção havia sido antes publicada noutra parte. O methodo scientifico pedia isto.

A leitura da obra do Sr. Bellino suggeriu-me diversas considerações e annotações que vou aqui publicar.

---

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, II, 58.

\*

Começa o livro por um prologo. Neste prologo ha dois pontos dignos de nota: a carta, lá transcripta, do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense; e a referencia ao idolo dos Granjinhos.

Na carta trata o Sr. Caldas de tecer o elogio da sua livraria e o seu proprio, como de costume, no que vae de encontro ao que Sallustio dizia de Jugurtha, — *minimum ipse de se loqui*; faz uma lista de algumas obras archeologicas, mas nem todas de merecimento; apresenta como d'elle um indice das *Memorias e Antiguidades* de Argote, quando é certo que este indice vem assim mesmo no *Dicc. Bibliogr.* de Innocencio, vol. III, pag. 261, para onde já tinha sido transcripto da *Revista Litteraria*, do Porto, t. II, pag. 191 sqq.; e por fim reproduz uns versos de Camões, — pois o Sr. Caldas está tão possuido de camoniomania, que ultimamente, em todos os seus trabalhos, *per omne fas et nefas*, cita o nosso epico!

O Sr. Bellino apresenta no frontispicio do livro um desenho do célebre monumento do sítio dos Granjinhos, e a respeito d'elle diz no prologo: «desenho fidelissimo do monumento archaico mais singular de Braga, pela diversidade das opiniões que o estudo de todas as suas minuciosidades tem suscitado, desde o P.<sup>o</sup> D. Jeronymo Contador de Argote, auctor das MEMORIAS do Arcebispado Primaz, até á actualidade. Este monumento, verdadeiramente singular em tudo, é conhecido desde então até agora com o nome geral — IDOLO BRACARENSE do local dos Granjinhos. Quem verificar o nosso desenho em face do proprio monumento, poderá notar que tivemos todo o cuidado em não dar aso a que possam desorientar-se os archeologos, que o queiram estudar detidamente<sup>1</sup>». Como hei-de occupar-me d'este monumento proxima-mente, e com desenvolvimento, n-*O Archeologo*, não gasto agora tempo em discutir este trecho, e direi apenas: que não é pela diversidade das opiniões que o monumento se torna notavel, mas sim pela sua significação; que as opiniões suscitadas tem sido bem poucas; que o monumento não é conhecido pelo nome de *Idolo Bracarense*, mas sim pelo simples nome de *Idolo*, ou, em linguagem popular, *Idro*; que o desenho não está tão fiel que só por elle se possa estudar o monumento, e que pelo contrario desorientaria a quem não tivesse outro meio de estudo.

Passarei agora á materia que constitue o corpo da obra.

<sup>1</sup> Pag. xv.

Pag. II. A inscrição de BLOENA está bastante gasta. O que eu pude distinguir nella, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e a examinei em companhia do Sr. Dr. José Machado<sup>1</sup>, foi o seguinte:

1. P L C E N
- A · C A M
- A L I · F
- V A L A I
5. R I C N S I S
- H · S · E
7. C A

As seis primeiras linhas não differem sensivelmente do texto dado pelo Sr. Bellino; apenas eu figuro a mais um ponto depois do primeiro A da segunda linha. Noto, porém, uma setima linha, cujas letras são difficeis de distinguir, mas em que julgo ver C seguido de uma letra, ao parecer, A; pelo menos o traço horizontal está claro. Da última letra da 4.<sup>a</sup> linha só se distingue o que indico; todavia é muito provavel que seja B, como o Sr. Bellino diz.

Transcrição da inscrição: BLOENA · CAMALI · F (*ilia*) VALABRIC (*e*) NSIS H (*ic*) · S (*ita*) · E (*st*) CA [MALVS?]. No caso de ser CAMALVS a última linha, ficava manifesto que fôra o pae de BLOENA quem dedicára á filha este monumento funebre.

Pag. III. Diz-se que em *Valabricsis* por *Valabricsensis* não ha erro de canteiro, mas que «são frequentes as supressões de letras, na epigraphia romana, quando o contexto as traz á memoria facilmente». E, para se justificar isto, cita-se uma inscrição de Carthagená em que, segundo o Sr. Bellino, se lê duas vezes CARTHAGNENSIS por CARTHAGINENSIS, e uma inscrição de Elvas em que se lê EMERITESI por EMERITENSI. Merece a pena discutir estes pontos, senão pelo que elles valem em si, ao menos porque o assumpto póde interessar a alguns leitores.

---

<sup>1</sup> A este meu prestimoso amigo agradeço aqui a excellente companhia que me fez, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e o auxilio que me prestou nas minhas investigações archeologicas, facilitando-me a visita a todos os monumentos cujo estudo me interessava.

Adeante provo que a referida inscripção de Carthagena não contém de modo algum CARTHAGNENSIS; mas, dado o caso que contivesse, esta fôrma pertencia a uma categoria muito diversa d'aquella a que pertence EMERITESI, pois no último caso temos um phenomeno phonetico, isto é, da lingua viva, e no primeiro teriamos um phenomeno meramente orthographico. A inscripção de Carthagena vem publicada no *Corp. Insc. Lat.*, vol. II, n.º 3418, que o Sr. Bellino não consultou; ora o que lá se lê é, não CARTHAGNENSIS, e sim CARTHAG<sup>1</sup>NENSIS, o que corresponde a CARTHAGINIENSIS, que é fôrma muito usada a par de CARTHAGINENSIS. Por tanto o exemplo ministrado pelo auctor do livro de que estou fallando não tem fundamento, porque a fôrma é CARTHAGINIENSIS, e não, como elle diz, CARTHAGNENSIS.

Quanto á fôrma EMERITESI por EMERITENSI, lembrarei que ella não representa um modo abreviado de escrever: era assim que o povo pronunciava. O grupo *ns* valia *s* no latim vulgar; diz Meyer-Lübke: «*déjà avant notre ère n devant s était tombée; . . . . on écrivait pensat, mensa . . . . mais on prononçait pesat, mesa*<sup>1</sup>»; o mesmo A. cita a Quintiliano, que diz que a palavra *consules* se pronunciava sem *n*<sup>2</sup>. Comtudo se, embora escrevendo-se *ns*, se pronunciava apenas o *s*, os exemplos de se escrever sómente *s* por *ns* contam-se aos centos; por brevidade, limito-me a citar aqui alguns, contidos nas inscripções peninsulares: *infas*, *Colliponesis*, *Conimbricesi*, *Lucesi*, *Eboresis*, *Cauriesi*. Podem ver-se muitos exemplos nos indices dos diversos volumes do *Corp. Inscr. Lat.* Pelo mesmo motivo se diz na nossa lingua *esposo*, *mes*, *asa*, *português*, palavras que vem do latim vulgar *sposu-*, *mese-*, *asa-*, \*Portucalense-, correspondentes ao latim litterario *sponsum*, *mensem*, etc. Como muita gente estranha que eu escreva *português* com *s*, e não com *z*, aqui fica explicada a razão: é que a terminação *-ês* vem da latina *-es(e-)*, por *-ensem*, onde ha *s*, que não póde substituir-se graphicamente por *z*, que tem origem e representação diversa.—O segundo exemplo produzido pelo Sr. Bellino fica, pois, tambem destituído de todo o pêso que elle lhe attribuiu.

<sup>1</sup> *Grammaire des langues romaines*, I, 342.

<sup>2</sup> *De inst. orat.*, I, 7, 29.—É por isto que a abreviatura ordinaria de *consul* é COS., isto é, COS(*ul*).



VALABRICNSIS não é comparavel a EMERITESI, porque nesta fórma falta um N que habitualmente não se pronunciava, e naquella falta um E, de mais a mais tonico, que não podia deixar de se pronunciar, como o prova o actual suffixo *-ês*, que, como lembrei, vem do latim vulgar *-es(e)*.

Logo VALABRICNSIS por VALABRICENSIS é facto esporadico, devido certamente a descuido ou impericia do canteiro. Sem fallar nas abreviaturas, como M. por *Marcus*, SE. por *sepultus*, as suppressões de letras nas inscripções romanas são geralmente devidas a duas causas principaes: representação inconsciente da pronúncia viva, como *Specla* por *Specula*, *anima* por *animam*, *posiit* por *posuit*, *Flaus* por *Flavus*<sup>1</sup>; impericia ou descuido do canteiro. O exemplo observado na inscripção de Braga pertence, quanto a mim, á segunda classe. Não se póde allegar que o canteiro quisesse aproveitar espaço, pois na linha cabia o E.

Pag. XI. Diz-se que é por «prurido de correções», que em L. Floro se lê umas vezes *Curgonios* e outras *Curinogios*. Não se indica o logar da obra de Floro, mas é claro que se trata do liv. II, cap. XXXIII (nas ant. edições IV, XII). Algumas edições de Floro tem de facto *Curmogios* e *Curgonios*, mas as melhores, é uma d'ellas é a de C. Halm, de que me sirvo, tem *Turmogios*: por isso não valia a pena citar livros antiquados.

Na mesma pag. dá-se uma inscripção, como de França, sem se dizer o livro d'onde se tomou: é a de PHOEBVS TORMOGVS HISPANVS. Ora, esta inscripção não se encontrou em França, mas sim em Roma, d'onde passou para o Museu de Berlim, onde hoje está: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, VI, 24162; alem d'isso a versão do Sr. Bellino não é bem conforme com a do *Corpus*.

Pag. XII-XXI. A proposito de *Valabriga*, palavra d'onde deriva o citado adjectivo *Valabricensis* = *Valabrigensis*, faz-se uma pequena dissertação sobre *Abobriga* (= *Abobrica* de Plinio), *Avobriga* e *Aobriga*, citando-se a opinião de Aureliano Guerra<sup>2</sup>. Segundo este A., *Abobriga* ficava na foz e costa septentrional do rio Minho; *Aobriga*,

<sup>1</sup> Na propria litteratura latina se encontra: *ben'fícium*, *al'tum*, *valde* = *valide*, *suppos'ta*, *lam'na*, *repos'ta*, etc. etc.; mas todos estes factos se justificam pelas leis phoneticas.

<sup>2</sup> In *Revista Archeologica*, de B. de Figueiredo, II, 89-92.

ficava pouco abaixo da confluencia do rio Minho com o Sil, vindo mesmo de um derivado de *Aobriga* a palavra *Orense*<sup>1</sup>; *Avobriga* ficava nas margens do Ave. Será difficil separar linguisticamente os tres nomes; todavia não é para se tratar numa simples noticia bibliographica uma questão tão complicada como a que a *Abóbrica* ou *Abóbriga* suscita<sup>2</sup>.

A pag. xv-xvi transcreve-se e commenta-se a inscripção romana das Caldas das Taipas, cujo texto se copia assim:

IMP CAES NERVAI  
 TRAIANVS AVG GER DAC  
 PONTI MAX TRIB POT VII  
 IMP IIII COS V P. P.

acrescentando-se: «no fim da linha 1.<sup>a</sup> não é certamente um I, mas a haste de um E, o que a photographia apenas esboceja na inscripção, devido ás inclemencias de 1792 annos»; todavia o Sr. Dr. Hübner, que visitou o monumento em 1881, em companhia dos Srs. Drs. Martins

<sup>1</sup> Aureliano Guerra funda-se, para estabelecer esta etymologia, em documentos latinos medievaes onde se lê *Auriensis* e *Aurensis*, suppondo esta fôrma derivada de *Aurea* e esta de *Áubrega*, por *Aóbriga*. Eu creio que *Aurensis* e *Auriensis* não passam de latinizações da fôrma viva *Ourense*, como é vulgar nos documentos medievaes escritos em latim barbaro. Uma objecção muito forte á hypothese de Guerra é que, segundo a lei phonetica deduzida a cima, no latim vulgar não se devia dizer *Aobrigensis*, mas sim *Aobrigese-*, cuja desinencia tem como representante popular em gallego, português e hespanhol *-es* e não *-ense*, que é desinencia litteraria e, portanto, moderna. Do mesmo modo não se diria *Auriensis* ou *Aurensis*, mas *Auriese-* ou *Aurese-*. Cfr. *português*, de \*Portucalese(m) = \*Portucalesem. Dada aquella hypothese, d'onde havia, pois, de vir a terminação *-ense* de *Orense* ou *Ourense*? Eu, pelo menos, não a sei explicar, e penso que neste, como noutros casos, não se deve confiar muito nas palavras de Aureliano Guerra.

<sup>2</sup> Vid. sobre o assumpto:

Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477 e 4247;

D. Detlefsen, *Die Geographie der tarraconensischen Provinz bei Plinius*, no *Philologus*, vol. xxxv, 600 sqq.;

Müller, ed. da *Geographia* de Ptolemeu (Didot), 163, nota;

A. Fernandes Guerra, na *Revista Archeologica*, II, 89 sqq.;

De-Vit, *Onomasticon*, s. v. «Abobrica»;

Adolpho Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 354-355.

Sarmento e Pereira Caldas, diz: «v. 1 extr. addita est a. 1818 a quadratario, qui instauravit, imperito I littera, quam apparet noviciam esse»<sup>1</sup>, o que significa: «na extremidade da 1.<sup>a</sup> linha foi accrescentada pelo canteiro ignorante, que avivou a inscrição, a letra I, que bem se vê ser moderna»; por isso o Sr. Hübner dá a seguinte lição:

I M P · C A E S · N E R V A  
 TRAIANVS · AVG · GER · DAC  
 PON · MAX · TRIB · POT · VII  
 IMP · IIII · COS · V · P · P

que differe da versão do Sr. Bellino, apesar de este afirmar que se serviu de uma photographia. O Sr. Bellino tem por exemplo um ponto no fim da inscrição, o qual não é provavel que esteja na pedra; o ponto que collocou depois do penultimo P não está bem collocado, pois deve ser ao meio da letra e não sobre a linha. Das outras divergencias só á vista da pedra poderei julgar. O Sr. Bellino, para justificar que a última palavra da 1.<sup>a</sup> linha é genetivo, isto é, NERVAE, transcreve a pag. xvii duas inscrições, em que se lê respectivamente

IMP · CAESAR  
 DIVI · NERVAE · FILIVS  
 NERVA · TRAIANVS etc.

IMP · CAESAR  
 DIVI · NERVAE F  
 NERVA TRAIANVS etc.

mas não repara em que ao lado do genetivo NERVAE está tambem o nominativo NERVA; por isso estas duas inscrições não se podem comparar com a das Taipas. Incidentemente notarei que a primeira inscrição, que é de Salamanca, não foi exactamente copiada, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4685; e a segunda, que se diz ser de Merida, é, segundo o Sr. Hübner<sup>2</sup>, de duvidosa authenticidade! Como poderá, pois, servir de base de discussão scientifica um texto

<sup>1</sup> *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 5560.

<sup>2</sup> *Corp. Inscr. Lat.*, II, 453\*.

cuja authenticidade se não pôde demonstrar? Em pontos d'estes é que o Sr. Pereira Caldas devia ter elucidado o seu discipulo, se estivesse no caso de o poder fazer.

Pag. XXII. A inscripção transcripta a pag. XXII, existente no pateo do Avellar, em Braga, não está bem copiada. O Sr. Bellino leu:

A R Q V I V S  
V I R I A T I · F  
J · A G R I P P A  
H · S · S · E S T  
M E L G A E  
C V S · P E L I S T I  
M O N I M E . . . . .  
C O . . . . .

Esta inscripção, como outras do mesmo local, tem suas difficuldades, devidas em parte á má posição em que se encontram as lapides. Na 3.<sup>a</sup> linha o que se lê é AGRINIA e não AGRIPPA; todavia noutra inscripção, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2433, lê-se: ACRIP. No fim da última linha ha ainda letras pouco claras. Ha um ponto no fim da 1.<sup>a</sup> linha, no fim da 4.<sup>a</sup> e no fim da 7.<sup>a</sup> (que parece estar toda). Na 1.<sup>a</sup> letra da 6.<sup>a</sup> linha, isto é, dentro do C, ha uma haste.

Pag. XXIII. O auctor do livro que estou analysando diz ignorar a razão das variantes da inscripção publicada por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*: é que este serviu-se da versão dada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2435, que o Sr. Bellino não compulso.

Pag. XXIV-XXVII. A proposito da espiral (suastica) que se vê na parte superior da pedra em que está a inscripção de Arquius, a que ha pouco me referi, faz-se um extracto do que Borges de Figueiredo publicou em 1888 na *Rev. Arch.* Não leu o Sr. Bellino as notas que a este proposito publiquei na *Revista Lusitana*, II, 91, e no *Elencho das lições de numismatica*, I, 5-6. Tratei a materia condensadamente, como costume, porque não me sobra o tempo para divagações, mas expus os pontos fundamentaes da questão. — O que se diz a pag. XXVI, «foi com effeito a adoração do sol, e por conseguinte a adoração do fogo, a manifestação primitiva do naturalismo entre os povos antigos», não pôde admittir-se com tal exclusivismo.

pode



Pag. xxviii-xxix. Como na inscrição de Arquius, transcripta a cima, se lê H · S · S · EST, o Sr. Bellino interpreta esta fórmula assim: H(oc) S(epulcrum) S(ibi) EST. Para justificar H(oc) S(epulcrum) S(ibi) transcreve outras inscrições, mas não com exactidão, como vamos ver.

A primeira inscrição allegada como peça justificativa é a seguinte, que não diz d'onde foi copiada:

B O V D I N

NA · CA(ii)

AM · F · H · S

Interpreta-a assim: «*Boudina, Caii filia. Amicus fecit hoc sepulcrum*». Dado o caso que a inscrição estivesse exacta, a interpretação era muito forçada; mas a inscrição não está fielmente copiada, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 625 e 5274: a última redacção dada pelo Sr. Hübner é:

BOVDENNA CARAI F ·

H · S · F

Como o illustre epigraphista allemão nada diz á cerca do F final, supponho que esta letra está por E, vindo a ser pois a fórmula usual H(ic) S(ita) E(st).

Outra inscrição citada pelo Sr. Bellino, em que cuida achar S=S(ibi), é esta, que tambem não diz d'onde foi extrahida:

AFRANIA

L · L

CRHOCALE

S

mas o Sr. Hübner, seguindo Muratori, lê S(alve); e o Sr. Mommsen propõe S(ita): vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3011.

A terceira inscrição ministrada pelo Sr. Bellino está pessimamente estudada, pois transcreve-a assim (não dizendo d'onde)

OVTIA

ISALI · F ·

LXII · S ·

e tradu-la com toda a afouteza «Utia[!] filha de Isalo[!] de 62 annos de idade, erigiu para si», — sem notar que na 1.<sup>a</sup> linha falta uma letra, na 2.<sup>a</sup> outra, e na 3.<sup>a</sup> duas ou mais! A inscripção, como o Sr. Hübner a transcreve no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 626, é

b O V T I A

v I S A L I · F

a N · X I I S

e o S final ou significa S(*emis*), segundo aquelle epigraphista, ou S(*ita*), segundo Mommsen, que suppõe que as últimas letras sejam: X H(*ic*) S(*ita*). Os nomes *Boutia* e *Visalus* são conhecidos de outras inscripções hispanicas.

Como última peça justificativa de S por S(*epulcrum*) refere-se o Sr. Bellino á conhecida fórmula H · S · H · N · S, mas esta nada tem para o caso.

Por tanto não se póde acceitar nenhuma das razões que apresentou. Sem dúvida S muitas vezes significa S(*epulcrum*); mas, como a interpretação da fórmula H · S · S · S · E S T é muito forçada, vamos a ver se achamos outra mais natural.

A primeira ideia que occorre é se o segundo S seria devido a engano do pedreiro, por isso que ha fórmulas em que se lê H · S · S = H(*ic*) S(*iti*) vel S(*epulti*) S(*unt*); tambem poderia pensar-se em H · S(*itu*) S E, sem que o ponto interposto entre os dois S S fizesse obstaculo a que estas duas letras pertencessem á mesma palavra: todavia o que o methodo epigraphico exige é que se veja se ha ou não outros exemplos de tal fórmula.

Ora, no *Cours d'épigraphie latine*, de R. Cagnat, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 249, vem uma fórmula semelhante, H · S · S · E, que aquelle auctor interpreta por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*) E(*st*). O mesmo A., pag. 389, indica uma fórmula que começa por H · S · S ·, e que elle interpreta tambem por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*); creio que esta última é a mesma que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-1, n.<sup>o</sup> 6435.

Em verdade não repugna admittir a expressão *situs sepultus*, com quanto as duas palavras sejam quasi synonymas; póde explicar-se pelo principio da allitteração, que era tão frequente em latim, como por exemplo se vê no opusculo de E. Wölfflin, *Die allitterierenden Verbindungen der lateinischen Sprache*, Munich 1881<sup>1</sup>; eis aqui

<sup>1</sup> Separata das Actas das Sessões da «K. bayer. Akademie der Wissenschaften, philos.-philol. hist. Cl., 1881, Bd. II, Heft. 1».

alguns exemplos de phrases allitteradas, em que entram palavras latinas synonymas ou quasi: *miser miserandus, solus solitarius, unus unicus, vetus vetustus, pario parturio, bene beate, lumen lux, perdere perire, valere vivere, lubentes laetificantes*<sup>1</sup>. As proprias inscripções offerecem LAETVS LIBENS<sup>2</sup>, expressão que tambem se encontra na litteratura<sup>3</sup>. Igualmente se lê nas inscripções D · D, o que significa D(edit) D(edicavit)<sup>4</sup>. Se os Romanos diziam *pario parturio, valere vivere, perdere perire*, que dúvida haveria em que dissessem tambem rhythmicamente *situs sepultus*, de mais a mais numa fórmula? As pessoas mais competentes do que eu deixo o decidirem se esta minha interpretação pela rima allitterante é boa ou não.

Pag. xxxi. Escreve Varron á francesa; como em latim é Varro, -onis, em portuguez deve ser Varrão ou Varro; o que mais se usa é Varrão.

Na mesma pag. vem a inscripção de Salvius Athictus, que transcreve assim:

D · SALVIVS  
ATHICTVS  
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · L

comtudo, o que eu vi na pedra, quando estive em Braga em Fevereiro p. p., foi:

D · SALVIVS  
ATHICTVS  
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · I

Da última lettra, que é um L, só se vê a haste vertical; as últimas sete letras não estão separadas por pontos, pelo menos já lh'os não percebi. A differença entre a minha versão e a do Sr. Bellino é sem importancia; mas fiz esta nota por elle dizer que se serviu de uma photographia, e que podia garantir o seu texto.

<sup>1</sup> Vid. Wölfflin, in *op. laud.*, p. 8-9 e 46 sqq.

<sup>2</sup> Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 424.

<sup>3</sup> Vid. Wölfflin, in *op. laud.*, p. 63.

<sup>4</sup> Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 374.

Mais importante e grave é o que se segue. Para dar exemplo do nome Athico sem *h*, transcreve, sem dizer d'onde, o Sr. Bellino a seguinte inscrição de Porcuna:

E . S .  
P . MANIL . ATICTUS  
V . S

que interpreta d'este modo: *Endovellico sacrum: Publius Manilius Atictus votum solvit*. Em primeiro logar o Sr. Bellino dá como E a primeira lettra, que o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2127, pensa ser antes F=F(*ortunae*), como succede numa inscrição que hoje está na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Em segundo logar, só por grande esforço de imaginação, se poderia attribuir a Endovellico uma inscrição d'aquellas, achada tão longe do santuario do deus lusitano!

Pag. XXXII. O fragmento epigraphico publicado nesta pag. creio não estar exactamente copiado.

Pag. XXXV. Os *coraçõesitos* de que aqui se falla são as *hederæ distinguentes* que se encontram tão vulgarmente nas inscrições romanas.

\* Pag. XXXVII. Transcreve-se a inscrição de Materna, que hoje se acha num quintal que pertenceu ao fallecido Fernando Castiço. Esta inscrição merece exame mais circunstanciado do que o que o auctor das *Inscrições romanas* lhe fez, pois a última parte do *carmen* que termina a inscrição não está, pelas difficuldades que offerece, fielmente copiada.

Pag. XLI. A inscrição de Sullia está bem copiada. A pedra em que ella se acha é um cippo de granito, de 0<sup>m</sup>,80 de altura.

Pag. XLII. Á cêrca da inscrição de Adronus vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2430. Na mesma pagina XLII diz o Sr. Bellino que o exemplo que conhece de maior longevidade é de 120 annos; mas na Numidia conhecem-se exemplos de 131 e 132 annos, o que está de accôrdo com a observação de Sallustio, ao fallar dos povos Norte-africanos:



«plerosque senectus dissolvit»<sup>1</sup>; portanto ha exemplos de maior velhice do que a que o Sr. Bellino indica.

Pag. XLIII. A inscripção de Vibia está bem. Ara de granito, com seu *foculus*, e duas volutas de cada lado d'este.

Pag. XLIV. A inscripção transcripta nesta página não o está bem, como pôde ver-se confrontando o texto do Sr. Bellino com o do Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 193. A interpretação de HONOR por HONOR(*ibus*) não é conforme com o sentir dos epigraphistas; estes interpretam HONOR por HONORE.

† Pag. XLV. Diz: «Com relação ás desinencias de sobrenomes em -anus, só começaram a vulgarizar-se no quarto seculo christão; sendo derivadas dos gentilicios em -ius». Nestas palavras ha várias inexactidões. Que o suffixo -anus estava vulgarizado antes do sec. IV mostram-no nomes como *Scipio Aemilianus*, do sec. II antes de Christo, e *Caius Julius Caesar Octavianus*, do sec. I; isto para não citar senão dois muito conhecidos: vid. a este proposito Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 72. Mas o suffixo -anus não se addiciona só a nomes derivados de gentilicios em -ius; ha cognomes d'esta especie derivados de nomes de logares, como *Baianus*, de *Baiae*, *Tusculanus*, de *Tusculum*; ha nomes que são, elles proprios, *gentilicios*, como *Faesulanus*, *Gerellanus*, *Norbanus*; ha nomes de escravos ou de libertos, formados assim, por exemplo, *Drusianus*, *Maecenatianus*. Muito importante sobre o assumpto é o trabalho do Sr. E. Hübner, intitulado *Quaestiones onomatologicae Latinae* (I, *Nomina in -anus*), publicado na *Ephemeris epigraphica*, II, 25 sqq.

Pag. XLVII. Cita-se, segundo as palavras do Sr. Pereira Caldas, professor bracarense, uma inscripção romana de Braga, consagrada á deusa FROVIDAe. A lapide parece que se perdeu, e por isso, quando estive em Braga, não a vi; comtudo, inclino-me a crer que em lugar de FROVIDAe estaria na pedra PROVIDAe. O adjectivo *providus* convinha perfeitamente a uma divindade, tanto mais que em latim se dizia *providentia deorum*; depois o adjectivo podia tornar-se o nome da propria divindade, como FONTANA, que na origem era adjectivo.

<sup>1</sup> *De bello Jugurthino*, XVII; e vid. a nota de Lallier, na ed. d'aquella obra, Paris 1893.

Pag. XLVIII. Transcrevem-se umas palavras do Sr. Pereira Caldas, em que este se refere á inscripção

ALBVRA . C  
ARISI . F . ET . CA  
RISIVS . CA  
MALI . F . H . S . E .

que interpreta assim: «Albura, Carisi(i) filia, et Carisius, Camali filius, hic sita est». Em primeiro logar não é justo pôr *Carisi(i)*, se no texto está *Carisi*, pois toda a gente sabe que os genetivos dos substantivos em *-ius* se podem muitas vezes contrair em *-i*: *Vergili*, *Publi*, etc. Em segundo logar, a fórmula H . S . E não deve interpretar-se *hic sita est*, mas *hic situs est*, porque o que é conforme com a lingua latina é que o participio *situs* concorde com o nome que está mais proximo, que é *Carisius*, e não com o que está mais longe, que é *Albura*.

Incidentemente notarei que, examinando esta inscripção *in loco*, já não notei no H vestigios do traço medial, e apenas as duas hastes verticaes II; mas isto é sem importancia.

Pag. XLVIII. Diz o Sr. Bellino: «Em todo o paiz não conhecemos mais do que outra lapide com o nome *Albura*; e é relativa a Collipo (Leiria)». Podia o A. ter folheado o *Corp. Inscr. Lat.*, II, onde encontraria, sob o n.º 73, mais uma *Albura*, numa inscripção do Museu Cenaculo; e sob o n.º 6721, outra, numa inscripção de Almourol, transcrita da *Revista Archeologica*, III, 155.

Pag. XLVIII-XLIX. A seguinte inscripção

D . M  
ALBVRAE  
TITI . F  
DVTIA  
AVITI F  
MATER  
F . C

é assim interpretada: «Diis Manibus Alburae, Titi filia, Dutia, Aviti filia, mater, fieri curavit». Deve ser *Titi filiae*, e não *Titi filia*, pois *filiae* concorda com *Alburae*. A fórmula F . C costuma interpretar-se por *faciendum curavit*.

Pag. LII-LIII. Transcreve-se de Contador de Argote uma inscrição, que está sem dúvida estropiada, e pretende-se restitui-la; mas a restituição do Sr. Bellino é totalmente diversa da que propõe o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, 2496, que teria sido conveniente consultar de ante-mão.

Pag. LIII. Diz-se que a lapide do deus TVRIASO está no Museu de Guimarães. Ha aqui dois equívocos. Em primeiro lugar o deus não é TVRIASO, mas sim TVRIACO, ou melhor, TVRIACVS; o Sr. Bellino confundiu este nome com o de uma antiga cidade hispanica chamada *Turiaso*. Em segundo lugar, esta lapide não está em Guimarães, mas sim em Santo Thyrso. Podia o Sr. Bellino ter consultado a este proposito o artigo do Sr. Martins Sarmiento publicado na *Revista Lusitana*, I, 235.

A inscrição de Benaguacir, transcrita nesta pagina, não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3784.

Pag. LIV. Transcreve-se uma inscrição que vem em Argote, mas não se repara que esta inscrição está estropiada. Ella existe hoje em Bóbeda em poder do Sr. José Homem de Sousa Quevedo Pizarro, a cuja amabilidade devo o te-la examinado em Setembro de 1895. Infelizmente não posso dar cópia completa da inscrição; em todo o caso eis o que apurei:

1. C A M A L V S  
B O R N I F ·  
H I C · S I T V S ·  
E S T A N N O R
5. I I I · E I . . . T A R . . .  
F R A T E R F A C I E
7. N D V C V R A V I T

Na linha 2.<sup>a</sup> é BORN I, não BVRNI. Na linha 3.<sup>a</sup>, depois de III, número de annos vividos, só percebo EI...TAR..., que representam no todo ou em parte um nome barbaro, se as duas primeiras letras não são o dativo de *is*. Na linha 7.<sup>a</sup> não ha M depois de NDV. O sentido é pois: *Camalo, filho de Borno; de tres annos, está aqui sepultado. F... , seu irmão, mandou-lhe fazer (este monumento)*. Aqui vê também o Sr. Bellino confirmado o que eu disse a cima á cerca do valor de F · C, fórmula que aqui está por extenso: FACIENDV(m)

CVRAVIT. As linhas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> terminam em pontos. Entre algumas palavras não existe separação graphica nem espaço. Deve, pois, emendar-se no *Alt-celtischer Sprachschatz*, de Holder, a fôrma *Burnus*, de Chaves, em *Bornus*; a fôrma *Burnus* existe tambem no onomastico antigo, e é certamente parenta d'aquella, mas provém de outras fontes. De passagem notarei que ha em Tras-os-Montes uma aldeia chamada *Bornes*, cujo nome talvez tenha algum parentesco com *Bornus*. Tanto *Bornus* como *Burnus* é possível que sejam de origem celtica.

Pag. LIV. A inscripção

C · FESTA  
AN · L · V(*ixit*)  
H · S · E · S · T  
T · L

está evidentemente mal copiada, pois na linha 3.<sup>a</sup> deve ser LV = *quinque et quinquaginta*. Cfr. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3550.

Pag. LV. A inscripção de Braga transcrita assim:

REBVRRVS CAMAL  
AV...S...NVS  
XXX

que o Sr. Bellino interpretou por *Reburus Camal(i)* (*filius*), *Augustanus* (*annorum*) *triginta* (*hic situs est*) foi pelo Sr. Hübner, que a examinou em 1881, interpretada de outro modo: *Reburus Camali Aenus ann(or)um* XXX. Visto que a interpretação offerecia litigios, devia o Sr. Bellino ter ponderado a interpretação de tão consummado epigraphista, como é o Sr. Hübner.

Pag. LVI. Transcreve-se uma inscripção, em que se suppôs ler-se M(arco) VALERIO PIO REBVRRRO, mas onde, segundo o texto do Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, 4257, se lê M · VLPPIO REBVRRRO, o que é muito differente do que diz o Sr. Bellino.

Pag. LVII. Cita-se uma inscripção, mas não se diz d'onde é, nem d'onde foi transcrita.



Pag. LVIII-LXI. A inscripção publicada nesta pagina foi encontrada em 1891. Nada posso dizer a respeito d'ella, porque a não examinei. — Compara o Sr. Bellino esta inscripção com duas que diz serem de Constantino Magno, uma de Merida, outra de Cordova. Nem de uma, nem de outra dá indicações bibliographicas. A de Merida é falsa: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 449\*. A de Cordova está mal copiada, e alem d'isso não se refere a Constantino I, mas sim a Constantino II: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2206. E é assim, de uma inscripção falsa e de outra de sentido diverso do que elle cuida, que o Sr. Bellino ousa tirar a seguinte conclusão: «vê-se de todas estas inscripções, que deixamos transcriptas, como a este imperador (i. é, a Constantino I), um dos mais notaveis na serie d'elles, eram tributados agradecimentos pela concessão do livre exercicio da religião christã, com permissão de se edificarem templos para o culto dos fieis, erigindo-se aras dentro d'elles ao Deus verdadeiro!»! Se a historia de Constantino I tivesse de se recompor com textos d'estes, um falso, outro referido a Constancio II, havia de chegar-se a optimos resultados! — Seguidamente transcreve de Argote a seguinte inscripção:

DON . N . CONS  
TANTIN . N . B .  
CAES

mas o texto está imperfeito: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4784. O Constantino de que nella se falla é o 2.º: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1110. — A inscripção de S. Pedro de Lõmar, transcrita a pag. LXI, tambem não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4764.

Pag. LXII. Fallando-se de uma cohorte militar de Bracaros, diz-se: «Em Onuphrio Panvinio (*Commentarios da republica romana*), achou o Padre Argote uma inscripção relativa a essa cohorte, transcrevendo-a nas *Memorias*, t. I, n.º 408». Estas linhas prestam-se a varios commentarios. Em primeiro logar o Sr. Bellino dá a inscripção como inteira, quando Argote diz que é apenas um fragmento, o que bem se vê, comparando o seu texto com o do original. O Sr. Bellino só conheceu o texto de Onuphrio através da citação de Argote, mas eu tenho aqui deante de mim a propria obra, cujo titulo é: *Reipublicae Romanae Commentariorum libri tres*, nova edição, Paris 1588: ali vem a inscripção toda a pag. 172. O segundo commentario a que

se prestam as palavras do Sr. Bellino é mais grave, porque a inscrição de Onuphrio é falsa! Veja-se a seu respeito o *Corp. Inscr. Lat.*, vol. VI-5, n.º 1937\*. Como hão de, pois, tirar-se de uma inscrição falsa deducções para a história das cohortes bracas? Em pontos assim, de melindrosa averiguação, é que o Sr. Bellino devia recorrer ao Sr. Pereira Caldas, se este estivesse no caso de o elucidar... Querendo o Sr. Bellino informar-se á cêrca das cohortes bracas conhecidas, teria de recorrer á *Ephemeris epigraphica*, vol. v. pag. 169, que ahi, num artigo do Sr. Th. Mommsen, escrito em latim, encontraria menção d'ellas, que são em número de cinco: a primeira com o nome de *Bracaraugustanorum* e *Augusta Bracarum*, a quarta com o nome de *Bracarum*, as outras com o de *Bracaraugustanorum*.

Pag. LXIV-CXXI. Publica-se o fragmento de uma inscrição, descoberta pelo Sr. Bellino em Braga. D'esta inscrição deu o Sr. Martins Capella uma lição mais rigorosa nos seus *Milliarios do conventus Bracaraugustanus*, pag. 252, preenchendo ao mesmo tempo as lacunas. — A proposito d'este fragmento epigraphico publica seguidamente o Sr. Bellino uma extensa dissertação sobre vias romanas, para o que transcreve várias inscrições, e varios textos de Lima Bezerra e de Argote. A minha critica já vae muito extensa, e por isso não posso entrar na analyse d'essa dissertação, tanto mais que sobre o assumpto temos d'agora o excellente livro do Sr. Martins Capella, citado a cima. — Falla tambem de Vizella, transcrevendo um artigo do Sr. Martins Sarmiento, publicado na *Revista de Guimarães*.

Pag. CXXV. Transcreve-se uma inscrição da Sé de Braga, cuja 3.ª linha é, segundo o Sr. Bellino,

.....CO

mas antes do C vejo na pedra o vestigio de outro C; por isso deve a linha restituir-se assim:

(Fla)CCO

Na 1.ª linha falta metade do cognome, que é *Caelius*, e a inicial do prenome, que o Sr. Bellino suppõe ser *Titus*, com o fundamento, parece, de que na igreja de S. Pedro de Lomar se lê uma inscrição em que figura *Titus Caelius Flaccus*, filho de outro Tito Celio Flacco; mas é essa inscrição que me faz suppor que se trata de um diverso.

No *Agiologio*, de Cardoso, citado por Argote, *Memorias*, II, pag. xv, dá-se como estando na 1.<sup>a</sup> linha da inscripção de Braga A, o que é muito provavel. Teriamos assim um *Aulus Caelius Flaccus* e um *Titus Caelius Flaccus*, ambos filhos de um individuo com o mesmo nome do segundo.

\*

Aqui termino a minha critica, que me sahiu mais extensa do que eu a principio imaginára; mas fui escrevendo á medida do apparecimento dos factos. Ainda assim, podia extendê-la muito mais.

Da análise feita resulta que dos textos das inscripções dadas por ineditas poucos estão exactos; e que, com relação aos commentarios, estes estão a cada passo falhos de boa critica, e salpicados já de inscripções falsas, já de inscripções mal transcriptas. Por tanto o trabalho do Sr. Bellino tem pouca utilidade, e ninguem poderá acceitar sem exame os factos contidos nelle. A unica utilidade estaria nas inscripções que constituem o assumpto principal do livro; mas estas, como se disse a cima, já haviam sido publicadas na *Revista de Guimarães*, e por isso tornadas do dominio dos estudiosos.

J. L. DE V.

### Inscripção romana de Moncorvo

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 6290, publicou o Sr. Dr. E. Hübner com alguma dúvida a seguinte inscripção:

REBVR RV S<sup>1</sup>

ARI · SEVRV

S · DNARELI

A · AN LXII

De uma photographia que da lapide me enviou o Sr. P.º Adriano Guerra, de Moncorvo, vê-se que o texto publicado no *Corpus* está exacto.

A lapide existe no Felgar (Moncorvo).

A leitura da inscripção offerece bastante difficuldade.

---

<sup>1</sup> No *Corpus* sahiu por engano REBVR RV S.